

## **Para a História do Socialismo**

Documentos

[www.hist-socialismo.net](http://www.hist-socialismo.net)

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 25.7.2017

(original em <http://www.stalinwerke.de/Diverses/stalinsbeitraege.html>)

---

# **Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XVI)**

## **Ulrich Huar**

### **Capítulo V**

#### **Roménia, Bulgária, Hungria, Finlândia**

Como Truman anunciou, a administração americana tencionava «*aliviar*» a Itália, concedendo-lhe um crédito de 500 milhões a mil milhões de dólares.<sup>1</sup> À pergunta de Stáline, porque é que não estavam previstas também facilidades para a Roménia, Bulgária e Hungria, por que razão não havia «*tratamento igual*» à Itália,<sup>2</sup> a resposta foi que a Itália tinha abandonado primeiro a coligação fascista, tinha sido o primeiro dos estados satélites a declarar a guerra à Alemanha e era reconhecida diplomaticamente. Na Roménia, Bulgária e Hungria não se tinham realizado «*eleições livres*» e não havia relações diplomáticas com estes países. Churchill usou a mesma argumentação.

Stáline chamou a atenção para que também o governo italiano de Badoglio não tinha resultado de «*eleições livres*», assim como o governo francês, contudo os EUA e a Grã-Bretanha mantinham relações diplomáticas com estes governos.

Do lado de Truman e Churchill seguiu-se uma paleta completa de exigências «*democráticas*», que colocavam também à Polónia. Truman foi muito claro para além das tiradas sobre a liberdade e afirmou com toda a clareza do que se tratava: 1. Não temos a possibilidade, através dos nossos representantes, de receber «*as necessárias informações*» da Roménia, Bulgária, Hungria e Finlândia, como [recebemos] da Itália; 2. O «*carácter dos governos actuais nestes países não nos dá a possibilidade de estabelecer imediatamente com eles relações diplomáticas*». Estes Estados «*podem obter o nosso reconhecimento, se corresponderem às nossas exigências.*»; 3. «*Queremos que estes governos sejam remodelados...*»; 4. «*Não há relações diplomáticas enquanto (...) não estiverem organizados (...) como consideramos necessário.*»<sup>3</sup> Dispensa-se o comentário.

---

<sup>1</sup> Idem, ibidem, p. 34 e seg.

<sup>2</sup> Conferências, ibidem, p. 356.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p. 329 e seg.

Interessante para a compreensão do conceito de democracia de Truman e Churchill foi o seu comportamento perante a ditadura fascista de Franco em Espanha.

Stáline propusera a suspensão das relações diplomáticas com o governo de Franco.<sup>4</sup> Churchill considerou tal decisão «*não adequada para a solução dessa questão*». Pensava que «*não nos devemos imiscuir nos assuntos de um Estado (...) A organização mundial fundada em S. Francisco recusa a interferência nos assuntos internos de outros países.*»<sup>5</sup>

Stáline lembrou que «*o regime de Franco foi imposto por Hitler e Mussolini e representa o seu legado. Se destruímos o regime de Franco, destruímos a sua herança. Também não devemos esquecer que a libertação democrática da Europa impõe determinadas obrigações.*» Se «*um meio como a suspensão de relações diplomáticas (...) [é] muito drástico, podemos reflectir sobre outros meios mais elásticos ao nível diplomático*». Seria «*perigoso manter o regime de Franco como é agora*».<sup>6</sup>

Mesmo esta proposta de compromisso de Stáline era demasiado para Churchill, pois tinham «*há muito relações comerciais com Espanha. Eles fornecem-nos laranjas, vinho e alguns outros produtos*».<sup>7</sup>

Churchill não queria pôr em risco a importação de laranjas de Espanha. Mas não se tratava só de laranjas.

Um derrube de Franco, induzido por sanções, podia provocar um movimento de massas em Espanha, com consequências imprevisíveis para o sistema capitalista.

As posições de classe não podiam tornar-se mais claras.

Na Roménia, Bulgária, Hungria, Polónia, Jugoslávia, as exigências de «*democratização*», etc., não eram interferência nos assuntos internos dos Estados. No respeitante ao regime de Franco era uma interferência que contrariava as decisões das Nações Unidas. Desestabilizar as democracias populares (não se inclui aqui a Finlândia enquanto Estado liberal-democrático) para eliminar o poder popular e restaurar o poder capitalista e as relações de propriedade era legítimo, «*democrático*». Pressionar diplomaticamente a ditadura fascista em Espanha, que participou com a «*Divisão Azul*» na guerra contra a URSS, apoiou os submarinos alemães e assegurou refúgio, violava a proibição, à luz do direito internacional, de ingerência nos assuntos internos de outros Estados, não era conciliável com os princípios da «*democracia*», do «*direito de autonomia*» dos povos.

Neste contexto, recorde-se aqui «*a política de não ingerência*» da Grã-Bretanha, França e dos EUA em relação à Espanha de 1936, que serviu para bloquear o fornecimento de armamento à desarmada República Espanhola legítima, e assim apoiar os golpistas de Franco e a intervenção militar dos fascistas alemães e italianos na guerra contra a República. A 27 de Fevereiro de 1939, a Grã-Bretanha e a França reconheceram diplomaticamente o regime de Franco, e os EUA a 1 de Abril. A 27 de Março de 1939, o regime de Franco aderiu ao pacto anti-komintern, como prova da sua legitimação «*democrática*». Não houve acordo sobre a Espanha na Conferência. A ditadura fascista de Franco pôde continuar a usufruir do apoio benévolo

---

<sup>4</sup> Idem, ibidem, p. 249 e seg.

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p. 250 e seg.

<sup>6</sup> Idem, ibidem, p. 251 e seg.

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 252.

das potências ocidentais «*democráticas*». Nada estorvava a exportação de laranjas para a Grã-Bretanha.

### **Reparações**

A 24 de Julho, na residência de Stáline em Potsdam, realizou-se uma reunião sobre a questão das reparações. De acordo com um resumo da discussão na Conferência da Crimeia, Mólotov caracterizou a posição de Churchill sobre as reparações do seguinte modo: «*Churchill está manifestamente decidido a impedir qualquer acordo sobre esta questão*». Seria preciso «*colocar de novo a questão em cima da mesa em Potsdam e exigir categoricamente uma reparação realista para devastação da nossa economia*». <sup>8</sup>

Stáline concordou: «*A atitude de Inglaterra e América nesta questão é injusta (...) A URSS está a ser enganada dado que os norte-americanos já retiraram o melhor equipamento dos laboratórios técnicos, nas zonas ocupadas pelos norte-americanos e britânicos, incluindo toda a documentação (...) A questão das reparações tem uma importância fundamental*». <sup>9</sup>

Stáline apresentou estes factos na 11ª reunião da Conferência, a 27 de Julho: «*Desvio-me um pouco do tema principal e quero falar sobre a remoção que os ingleses efectuaram na zona de ocupação russa, antes da sua ocupação pelas tropas soviéticas. Trata-se do transporte de mercadorias e equipamento. Além disso há um relatório do comando militar soviético, no qual se afirma que as entidades americanas levaram 11 mil vagões da mesma região. Não sei qual o destino desta fortuna. Será devolvida aos russos ou seremos indemnizados de alguma forma? É inquestionável que os norte-americanos e os ingleses não só retiraram equipamentos das suas zonas, mas também da zona russa, enquanto nós nem um vagão, nem equipamentos das fábricas retirámos. Os norte-americanos prometeram não retirar nada, mas não cumpriram*». <sup>10</sup>

Truman esclareceu: «*Soubemos disso há três dias, quando nos foi entregue a lista desses equipamentos. Escrevi ao general Eisenhower para investigar e nos entregar um relatório. Se tal aconteceu asseguro-lhe que não foi por ordem do governo dos EUA. Asseguro-lhe que encontraremos uma forma de indemnização*». <sup>11</sup>

A busca e remoção de patentes e equipamentos foram feitas com o conhecimento dos governantes. Aos militares disseram: façam! Mas nós não sabemos de nada. Se a coisa funcionar, ótimo; se não funcionar, não demos ordens nenhuma. No pior dos casos, demitimos um comandante subalterno, transferimo-lo para um outro posto depois da promoção e oferecemos uma indemnização à outra parte, num valor muito abaixo dos documentos roubados. Quem poderá verificar?

Ainda antes da Conferência, no início de Junho, o marechal Júkov, enquanto representante da União Soviética no Conselho de Controlo, regularizou esta questão energicamente, à sua maneira, da qual Stáline não tinha obrigatoriamente que saber.

---

<sup>8</sup> Gromiko, *ibidem*, p. 157.

<sup>9</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 157 e seg.

<sup>10</sup> Conferência, *ibidem*, p. 365.

<sup>11</sup> *Idem*, *ibidem*, p.369.

Montgomery informara Júkov de que tinha «*decidido*» instalar-se nos próximos dias no «*seu*» sector em Berlim, e queria acordar com ele as «*vias de ligação*» a Berlim.

Júkov respondeu: «*Antes de decidirmos sobre a questão das vias de ligação, pelas quais as tropas americanas e britânicas virão para Berlim, todas as tropas dos aliados terão de ocupar as regiões na Alemanha, em conformidade com as decisões da Conferência da Crimeia (...). Só então analisaremos as questões práticas relacionadas com a travessia para Berlim e o alojamento do pessoal aliado em Berlim. Enquanto as tropas americanas não tiveram saído da Turíngia e as tropas britânicas da região de Wittenberg, não posso autorizar a entrada dos aliados em Berlim.*»<sup>12</sup> Mais tarde, publicistas burgueses afirmaram que os sectores ocidentais de Berlim tinham sido «*trocados*» por regiões da Turíngia e do Elba, escondendo assim a violação das deliberações na Conferência da Crimeia.

Em Potsdam, as delegações americana e britânica pretendiam não reconhecer o direito da União Soviética às reparações, as quais, em relação ao nível de destruição do seu país, desde o istmo da Carélia até ao Cáucaso, eram muito modestas. Churchill ainda foi mais longe, lembrando que na discussão na Conferência «*não se disse nada sobre a transferência de obrigações perante a Grã-Bretanha para o governo provisório polaco, nomeadamente os 120 milhões de libras esterlinas que nós adiantámos ao antigo governo polaco em Londres.*»<sup>13</sup>

Isto era uma provocação intencional. O governo polaco ainda devia pagar o que o governo britânico tinha gasto com a política de desestabilização anti-soviética e contra os interesses nacionais do povo polaco, durante a ocupação da Polónia pelos fascistas alemães, através do governo reacionário polaco no exílio em Londres.

Naturalmente, nestas despesas estava incluída a manutenção das tropas polacas (o exército Anders), que combatera ao lado das potências ocidentais na guerra contra as tropas alemãs, não sendo possível deixar de registar o carácter anti-russo do general Andres. Churchill não teve êxito ao apresentar esta exigência inaceitável. Stáline perguntou: «*Pensa o governo britânico exigir à Polónia a devolução de todos os adiantamentos que disponibilizou para a manutenção das tropas polacas?*»

Churchill tinha de negar esta pergunta directa, mas evitou-o: «*Isso discutiremos com os polacos.*»

Stáline: «*Nós também demos determinados meios ao governo de Sikorski para a criação do exército do governo nacional provisório. Mas somos da opinião que o povo polaco já pagou estas dívidas com o seu sangue.*»<sup>14</sup>

Mesmo para Truman, esta exigência descarada de Churchill ia longe de mais.

A delegação soviética não conseguiu impor as suas exigências na questão das reparações. O debate terminou com o «*compromisso*» de que a URSS podia satisfazer as suas exigências de reparações através da desmontagem de equipamentos industriais e a apropriação da produção corrente no valor de dez mil milhões de dólares da

---

<sup>12</sup> Júkov, *ibidem*, p. 361.

<sup>13</sup> Conferências, *ibidem*, p. 279 e seg.

<sup>14</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 280. O general Sikorski foi primeiro-ministro do governo provisório polaco no exílio constituído em Setembro de 1939, em Angers (França), e, a partir de 1940, em Londres. Morreu em 1943 num desastre de avião.

sua zona de ocupação e os respectivos activos externos. Os direitos de reparação da Polónia serão liquidados com a parte soviética.<sup>15</sup>

Foi assim que a ZOS/RDA pagou as reparações à URSS, ou seja, pagou sozinha a factura do imperialismo alemão. A RDA, até ao final de 1953, pagou 4,3 mil milhões de dólares em reparações à URSS. Por decisão do governo soviético, de Agosto de 1953, a RDA ficou isenta de pagar a dívida activa, no valor de 2,537 mil milhões de dólares, respeitante às reparações ainda devidas. Com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1954, o governo soviético entregou graciosamente as restantes 33 empresas SAG<sup>16</sup> à RDA.<sup>17</sup>

Para a ZOS/RDA, as reparações eram consideráveis, mas comparadas com a destruição que os fascistas alemães tinham provocado na URSS, eram uma gota no oceano. Sem menosprezar as prestações da ZOS/RDA, factualmente a União Soviética não recebeu nada pelo grande sacrifício em vidas humanas, em bens materiais e culturais que lhe custou a libertação da Europa do fascismo.

De acordo com informações recentes, a guerra de libertação antifascista custou aos povos da União Soviética entre 25 a 30 milhões de vidas humanas.

### **Acções anti-soviéticas**

No final da sexta reunião, a 22 de Julho, a delegação soviética informou sobre a existência de «*um campo de prisioneiros soviéticos em Itália*». Esclareceu que se tratava do campo n.º5, na região da cidade Celsenatico sob controlo britânico, e no qual se encontravam principalmente ucranianos. A delegação soviética comunicou que as autoridades britânicas tinham inicialmente esclarecido que se encontram 150 homens, porém, quando os representantes soviéticos visitaram o campo, encontraram dez mil ucranianos, com os quais o comando inglês tinha formado uma divisão completa. Formaram doze divisões, entre elas um regimento de transmissões e um batalhão de sapadores. Os oficiais foram nomeados principalmente entre antigos companheiros de Petliura, que antes tinham desempenhado cargos de comando na *Wehrmacht* de Hitler. Por fim, a delegação soviética informou que, durante a visita dos oficiais soviéticos ao campo, 625 homens manifestaram o desejo de regressarem imediatamente à União Soviética.<sup>18</sup>

Como seria de esperar, Churchill não sabia de nada, naturalmente, e «*saudou (...) cada observação*» do lado soviético. Ele alvitrou: «*Possivelmente há lá muitos polacos.*»

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 422.

<sup>16</sup> SAG: sociedades anónimas soviéticas. Empresas fundadas e dirigidas pelos soviéticos para pagamento das reparações de guerra. [NT]

<sup>17</sup> Cf. *Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung (1949-1955)* [*História do Movimento Operário Alemão (1945-1955)*], Vol. 7, Berlim, 1966, p. 240 e 437 e seg.

<sup>18</sup> Conferências, *ibidem*, p. 310 e seg. Simon Petliura, chefe dos burgueses nacionalistas ucranianos que, no «*acordo*» com o governo polaco reaccionário de Pilsudski, reuniu o resto das tropas contra-revolucionárias e conduziu motins na Ucrânia soviética, com o apoio do ministro da Guerra britânico, W. Churchill. Em Novembro/Dezembro de 1921, o bando de Petliura foi derrotado pelo Exército Vermelho. Os oficiais de Petliura referidos por Stáline deviam ser antigos conhecidos de Churchill.

Stáline negou, «*só havia lá ucranianos, cidadãos soviéticos.*»

Truman encerrou a sessão!<sup>19</sup>

Na oitava reunião da Conferência, a 24 de Julho, Churchill teve de confirmar a informação da delegação soviética e declarou: «*A missão soviética em Roma ocupa-se agora desses dez mil homens e tem acesso livre ao campo. Informou que as pessoas que se encontram no campo são maioritariamente ucranianas, mas não cidadãos soviéticos. Neste campo também há um certo número de polacos, que, até onde nos foi possível esclarecer, viveram nas fronteiras da Polónia de 1939. Um total de 665 homens querem regressar imediatamente à União Soviética e estão em curso medidas para o seu transporte. Também estamos dispostos a entregar todos aqueles que desejam regressar. Estes dez mil homens renderam-se em conjunto e, unicamente por razões administrativas, aceitámos a sua rendição sob a direcção dos seus comandantes.*»<sup>20</sup>

Do contexto da comunicação da delegação soviética e do relatório de Churchill torna-se claro que se tratava na sua maioria de ucranianos nacionalistas e contra-revolucionários, que tinham combatido ao lado dos fascistas alemães em Itália contra as tropas anglo-americanas e que o Alto Comando britânico queria manter enquanto unidade anti-soviética, como Montgomery tinha tentado com as unidades alemãs em Schleswig-Holstein. Não me foi possível saber o que aconteceu a estes ucranianos. Aqueles que queriam voltar para a União Soviética, «*os que desejam regressar*», devem ter sido entregues. Aqueles que «*não o desejavam*» não foram, pelos vistos, entregues à União Soviética.

Churchill assegurou que era sua intenção «*desarmar estas tropas*», o que Stáline também não duvidou. Churchill ainda acrescentou: «*Não os mantemos na reserva, para de repente os retirarmos da manga. Irei exigir imediatamente um relatório.*»<sup>21</sup> Pelos vistos Churchill esquecera que ordenara a Montgomery que reunisse as armas das tropas alemãs e as mantivesse disponíveis, o que Montgomery cumpriu com afã.

Nesta altura ainda se encontravam 400 mil soldados alemães na Noruega, que não tinham sido desarmados. Provavelmente também por «*razões administrativas*».<sup>22</sup>

No que diz respeito a acções anti-soviéticas por parte dos russos brancos e outras organizações inimigas da URSS nas zonas de ocupação americana e britânica na Alemanha e Áustria, o MNE americano Byrnes declarou na 12ª reunião da Conferência, a 31 de Julho, que os representantes anglo-norte-americanos «*investigam*» os factos apresentados pela delegação soviética – «*debatem medidas para impedir estas actividades*» – «*ocupam-se sem demora desta questão*» em Londres – tratarão dela «*o mais rapidamente possível*». <sup>23</sup>

No entanto estas «*organizações*» puderam continuar sem impedimentos a sua actividade anti-soviética, a coberto da benevolente paciência da potência ocupante americana.

---

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 311.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 338.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 345 e seg.

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p. 344.

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 395.

Júkov recorda que no final de uma reunião, Truman informou Stáline de que os EUA possuíam uma bomba de força explosiva descomunal, sem lhe chamar bomba atômica. Stáline não mexeu um músculo. Churchill e outros autores norte-americanos e britânicos julgaram mais tarde que «*Stáline talvez não tivesse compreendido a importância da informação*». De regresso dessa reunião, Stáline informou Molotov da conversa com Truman. Molotov disse: «*Eles querem aumentar a parada*». Stáline riu: «*Que o façam. Tem de se falar com Kurtchatov para acelerar o trabalho.*»<sup>24</sup>

Gromiko, que participou na reunião seguinte, na residência de Stáline em Potsdam, escreveu nas suas memórias que Stáline havia mencionado aquilo que se viria a revelar a questão central da reunião: «*Os nossos aliados disseram-nos que os EUA teriam uma nova arma, a bomba atômica. Assim que Truman me disse que a tinham testado com sucesso, falei com o nosso físico Kurtchatov. Teremos seguramente em breve a nossa bomba. Mas a sua posse confere a cada Estado uma gigantesca responsabilidade. A questão fundamental é devem os países que têm a bomba concorrer simplesmente entre si na sua produção ou, como também outros países que venham a obter mais tarde, deverão procurar uma solução que proíba a sua produção e utilização? Neste momento não se vislumbra como poderia ser um tal acordo, mas uma coisa é clara: a energia atômica só deve estar ao serviço de objectivos pacíficos.*»

Molotov referiu que os norte-americanos tinham trabalhado o tempo todo na bomba atômica, mas que não tinham dito nada sobre isso.

Stáline continuou: «*Sem dúvida que Londres e Washington têm a esperança que nós ainda demorem algum tempo até desenvolvermos a bomba atômica. Entretanto, querem utilizar o monopólio americano – mais exactamente o monopólio anglo-americano – para nos obrigar a aceitar os seus planos para a Europa e o mundo. Mas não o conseguirão!*»<sup>25</sup>

Para além das duras controvérsias na Conferência, também houve momentos divertidos e, para alguns participantes, momentos e opiniões positivos.

Gromiko recorda as bonitas polícias de trânsito soviéticas, que manifestamente chamavam a atenção dos delegados: «*Em cada cruzamento, em cada praça, estavam polícias de trânsito soviéticas com bandeiras na mão. Todas elas tinham uniformes novos e bonitos e os seus movimentos eram tão graciosos, que quase se podia pensar que eram bailarinas. Disseram-nos que os delegados norte-americanos e britânicos gostavam tanto de as ver como nós (...) Churchill estava tão encantado com as nossas polícias de trânsito nos seus magníficos uniformes, que espalhou as cinzas do seu charuto no seu fato, mas sem consequências. Stáline sorriu, talvez pela primeira vez durante toda a reunião.*»<sup>26</sup>

## Extremo Oriente

Enquanto os exércitos das 1ª e 2ª frentes bielorrussas e da 1ª frente ucraniana implementavam os últimos preparativos para a Operação Berlinense e com ela para

---

<sup>24</sup> Júkov, *ibidem*, p. 377.

<sup>25</sup> Gromiko, *ibidem*, p. 158 e seg.

<sup>26</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 143 e 159.

o fim da guerra contra a Alemanha fascista, o marechal Meretskov e os generais do seu comando da antiga frente da Carélia entraram, a 31 de Março de 1945, em Iaroslavl, no comboio especial para o extremo-oriente.

O Alto Comando da antiga frente da Carélia era agora o Alto Comando do Grupo do Litoral (pouco depois mudou o nome para 1ª frente extremo-oriental), com Meretskov como comandante-em-chefe. O Grupo do Litoral dependia directamente de Stáline.<sup>27</sup>

Por que razão Stáline escolheu Meretskov para comandante-em-chefe do Grupo do Litoral? «*Ele é suficientemente astuto e será capaz de magiciar como derrotar os japoneses*», justificou. «*Não é a primeira vez que conduz uma guerra na floresta e tem de romper regiões fortificadas*».<sup>28</sup>

De acordo com o compromisso que Stáline assumira nas conferências em Teerão (28.11 a 01.12.1943) e Ialta (04 a 11.02.1945) de entrar na guerra contra o Japão ao lado dos aliados ocidentais, avançavam agora os preparativos para o cumprimento dessa obrigação, dois a três meses depois do fim da guerra na Europa.

Logo em 1943, depois da batalha de Kursk, os governos dos EUA e da Grã-Bretanha já tinham pressionado a URSS para se «*apressar*» a entrar na guerra contra o Japão. Chtemenko escreveu que eles se esforçavam por «*nos envolver o mais rapidamente possível na guerra no Extremo-Oriente*». No final de Junho de 1944, depois da abertura da 2ª frente em França, o chefe da missão militar americana em Moscovo dirigiu-se ao chefe do Quartel-General soviético com «*o pedido urgente (...) de acelerar por todos os meios a entrada da URSS na guerra no Extremo-Oriente*».

O governo soviético não estava disposto a entrar na guerra contra o Japão antes do fim da guerra na Europa. A União Soviética teria dispersado as suas forças militares e assim adiado a vitória sobre a Alemanha fascista.<sup>29</sup>

A União Soviética/Rússia era/é não só um Estado europeu, mas também um Estado asiático. Desde 1904 que o Japão ameaçava seriamente as regiões russas do extremo-Oriente (da Rússia Soviética a partir de 1917). Até 1922, tropas japonesas, juntando-se à intervenção dos exércitos imperialistas contra a Rússia Soviética, tinham ocupado parte das repúblicas no Extremo-Oriente, incluindo Vladivostok, até que tropas da Rússia Soviética e das repúblicas do Extremo-Oriente as expulsaram. A 25 de Outubro de 1922, tropas do Exército Vermelho libertaram Vladivostok. Por decisão da Assembleia Popular, a República do Extremo-Oriente aderiu em 15 de Novembro de 1922 à República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR). A 29 de Julho de 1938, tropas japonesas invadiram território soviético no Lago Khassan, e a 11 de Maio de 1939 invadiram a República Popular da Mongólia (RPM). Entre a URSS e a RPM existia um pacto de assistência mútua, que obrigava a URSS a prestar auxílio. O ataque do Japão à RPM não foi uma simples «*violação de fronteira*», mas uma verdadeira guerra, na qual os japoneses foram totalmente derrotados pelo ainda pouco conhecido general Júkov. A guerra terminou a 31 de Agosto de 1939, imediatamente antes do ataque de Hitler à Polónia.

---

<sup>27</sup> K. A. Meretskov, *Im Dienste des Volkes (Ao serviço do Povo)*, Moscovo, 1968/Berlim 1982, 3ª edição, p. 354.

<sup>28</sup> S. M. Chtemenko, *Im Generalstab (No Quartel-General)*, Vol. I, Moscovo 1968/ Berlim 1985, 6ª edição, p. 302.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, p. 299.



Depois da invasão da União Soviética pela *Wehrmacht* fascista, as tropas japonesas na Manchúria, o chamado Exército Kwantung<sup>30</sup>, planeava invadir a Sibéria para estar preparada para «a divisão» da União Soviética.

O governo e os militares japoneses, sob a direção do Imperador Hirohito, tomaram a seguinte resolução: «*Embora a nossa relação com a guerra germano-soviética seja determinada pelo eixo Roma – Berlim – Tóquio, não iremos, para já interferir; mas iremos, por iniciativa própria, tomar medidas e armarmo-nos em segredo para a guerra contra a União Soviética (...) Caso a guerra germano-soviética evolua favoravelmente ao Japão, utilizaremos a força das armas para resolver os problemas a Norte e assegurar a estabilidade dessas regiões.*»<sup>31</sup>

Depois de Stalingrado, as ambições dos militaristas japoneses foram arrefecendo, depois de Kursk foram obrigados a desistir dos desejos de anexação. Mas também a guerra no Pacífico contra os EUA e a Grã-Bretanha, depois dos sucessos iniciais, não decorria de acordo com as suas exageradas expectativas. Como os alemães, também os militares japoneses se tinham enganado redondamente sobre a relação de forças existente.

A 4 de Junho de 1942, uma poderosa esquadra japonesa, constituída por 50 navios de transporte e 30 navios de guerra, entre eles quatro porta-aviões, rumou em direção à base naval da frota americana no Midway-Atoll. Porta-aviões norte-americanos atacaram com sucesso os japoneses. Afundaram os quatro porta-aviões, dois cruzadores, três contratorpedeiros, e danificaram três couraçados. Os japoneses recuaram, perseguidos por aviões norte-americanos, que lhes provocaram mais baixas.<sup>32</sup>

O historiador militar soviético G.K. Plotnikov escreveu: «*Apesar de uma série de vitórias sobre as forças armadas do Japão na região do Oceano Pacífico e no Sudoeste asiático, as tropas aliadas não foram capazes de infligir ao ocupante japonês a derrota decisiva. Apesar de as tropas aliadas se encontrarem próximas dos acessos à mãe-pátria, os imperialistas japoneses ainda possuíam meios consideráveis para continuar a guerra. Esperavam, não sem razão, conseguir montar nas ilhas da mãe-pátria e mais tarde no continente, uma defesa estável e permanente contra*

---

<sup>30</sup> O Exército de Kwantung [ou Guangdong] designava todas as tropas japonesas na Manchúria. A Rússia arrendara à China, em 1898, a península Kwantung, o golfo da Península Liaodong. Situavam-se aí as cidades Port Arthur (Iushun) e Dairen (Dalian). No Tratado de Paz de Portsmouth, depois da guerra russo-japonesa (8 de Fevereiro 1904 até 5 de Setembro de 1905), a Rússia cedia ao Japão os direitos de arrendamento na Península Liaodong, Port Arthur e Dalian, o ramo sul dos caminhos-de-ferro Ostchin (a sul da estação ferroviária Kuantshentsi) e metade da ilha Sakhalin (a Sul do paralelo 50). Ver *As relações Internacionais no extremo Oriente (1870-1945)*, redacção de J. M. Júkov, Moscovo, 1951/Berlim, 1955, p. 123. O contrato de arrendamento terminava em 1923. Porém, o Japão não entregou à China a região de Kwantung e anexou a Manchúria em 1931. Daí a designação «*Exército Kwantung*». Ver Meretskoy, *ibidem*, p. 363. Em Maio de 1945, o governo da URSS entregou à República Popular da China a sua base naval em Port Arthur.

<sup>31</sup> *As Relações Internacionais*, *ibidem*, p. 409.

<sup>32</sup> A. Nevins/H. Steele Commager/J. Morris, *A Pocket History of the United States*, 9ª edição, Agosto de 1992, p. 466.

*as forças armadas dos EUA e Grã-Bretanha. Nestas condições era de importância decisiva que a União Soviética entrasse em acção contra os agressores.»<sup>33</sup>*

Nos comandos dos EUA e da Grã-Bretanha, pensava-se que a guerra contra o Japão duraria um a dois anos, depois da vitória na Europa. Por isso, um ataque das tropas soviéticas no continente asiático, no Norte da China, era de importância estratégica. Por outro lado, também aqui se manifestaram os interesses de classe de ambas as potências anglo-saxónicas: uma vitória do exército soviético na China e na Coreia sobre os japoneses teria consequências incalculáveis para os povos asiáticos, aumentaria a autoridade da União Soviética na Ásia. Desse modo, o exército de libertação popular chinês e o movimento guerrilheiro na Coreia seriam reforçados política e militarmente. A influência do PC na China e do movimento democrático anti-imperialista na Coreia<sup>34</sup> cresceria.

Assim, por um lado, os governos americano e britânico estavam interessados na entrada da União Soviética na guerra contra o Japão, por razões estratégicas, por outro, uma vitória das tropas soviéticas na China e na Coreia não era desejável por considerações de classe.

Naturalmente, Stáline e os generais soviéticos também estavam conscientes das consequências políticas de uma vitória para a evolução [da situação] na China e na Coreia; para o reforço do apoio das forças democráticas – não só dos comunistas – nestes países contra as intrigas da contra-revolução interna e externa.

No final de Agosto, existiam relações diplomáticas normais entre a União Soviética e o governo nacional da República chinesa, mesmo se as intrigas anticomunistas de Chang-Kai-Tchek não passavam despercebidas ao governo soviético. A 14 de Agosto, os governos da URSS e da República chinesa assinaram um Tratado de Amizade e um Pacto de Aliança. Na sua mensagem ao presidente do governo nacional da República chinesa, o generalíssimo Chang-Kai-Tchek, Stáline escreveu: «*Estou certo de que este Tratado e o Pacto servirão de base sólida para um desenvolvimento ulterior das relações de amizade entre a URSS e a China, para o bem-estar dos nossos povos e consolidação da paz e segurança no Extremo-Oriente e em todo o mundo.*»<sup>35</sup>

As chefias soviéticas tiveram de ultrapassar grandes dificuldades na preparação das acções de combate iminentes. Algumas centenas de milhares de homens com equipamento, armas e munições, alimentação, etc., tinham de ser transportados em condições de rigoroso sigilo, numa distância de 9 mil a 11 mil quilómetros até ao Extremo-Oriente. De Maio a Julho chegaram 136 mil vagões com tropas do Ocidente ao Extremo-Oriente e ao Krai de Zabaikalski. A isto juntou-se a enorme extensão do território. As tropas soviéticas tiveram de ser estacionadas, numa frente com cinco

---

<sup>33</sup> G.K. Plotnikow, *Die Befreiung Nordostchinas und Koreas (A libertação do Nordeste da China e Coreia)*. In: Gretschnko: *Die Befreiungsmission (A Missão de Libertação)*..., ibidem, p. 449.

<sup>34</sup> O PC da Coreia foi fundado em 1927. Facções pequeno-burguesas de intelectuais, elementos sectários, traição, terror e represálias do ocupante japonês destruíram o partido. A 10 de Agosto de 1945, depois da libertação do ocupante japonês, seguiu-se a sua nova fundação. Em Agosto de 1946 uniu-se ao Novo Partido Popular e formaram o Partido do Trabalho da Coreia. Ver *História Mundial*, Pequena Enciclopédia, Vol. L, Leipzig, 1979, p. 619.

<sup>35</sup> SW 15/30. Não é possível tratar aqui as complexas relações de Stáline com o governo nacional da China e com Mao Tsé Tung.

mil quilómetros de comprimento, em zonas de concentração. O teatro de operações previsto abrangia cerca de 1,5 milhões de quilómetros quadrados.

Com as tropas já existentes no Extremo-Oriente, o Quartel-General formou um forte grupo com 1,5 milhões de soldados e oficiais, 26 mil bocas-de-fogo e lança-granadas, 5500 tanques e mais de 3800 aviões de combate.<sup>36</sup> Os japoneses tinham fortificado fortemente a fronteira da Manchúria. Originalmente, as fortificações tinham sido pensadas como ponto de partida para o ataque à URSS. Depois de Stalingrado foram reedificadas para a defesa. O exército Kwantung contava cerca de um milhão de soldados de elite. Podia, em qualquer momento, ser aumentado para mais de 1,5 milhões de homens, através da reserva estratégica.<sup>37</sup> Dividia-se em 42 divisões de Infantaria, sete divisões de Cavalaria, 23 brigadas de Infantaria e duas brigadas de Cavalaria. Disponha de mais de 5300 bocas-de-fogo, mil tanques e 1800 aviões. A técnica do exército Kwantung adaptava-se ao território. Disponha de grandes provisões de munições e alimentação. Mesmo em situações de interrupção do reabastecimento por mar, podia passar largo tempo sem reabastecimento do Japão.<sup>38</sup>

A relação de forças era equilibrada no que respeita ao número de efectivos. Na artilharia, blindados e aviões o exército soviético no Extremo-Oriente era várias vezes superior.

Por causa da enorme distância entre as tropas soviéticas e o centro político e económico da URSS, o Quartel-General criou um alto comando especial, um género de central mediadora entre as frentes no Extremo-Oriente e Moscovo, o «*Alto Comando das tropas soviéticas no Extremo-Oriente*» comandado pelo Marechal A.M. Vassiliévski.

O plano do Alto Comando previa atacar o adversário na Manchúria por três lados e derrotá-lo. As tropas soviéticas formaram três frentes: a frente do Krai de Zabaikalski – comandante marechal Malinovski; o 2.º Exército do Extremo-Oriente – comandante Purkáiev; o 1.º Exército do Extremo-Oriente (originalmente Grupo do Litoral, a antiga frente da Carélia) – comandante marechal Meretskov.

O almirante N. G. Kuznetsov tinha de coordenar as forças navais (frota do Pacífico, frota do Pacífico Norte, frota de Armur) e organizar a coordenação com as forças terrestres.

A frente do Krai de Zabaikalski devia atacar pelo Oeste; o 1.º Exército do Extremo-Oriente, pelo Norte; o 2.º Exército do Extremo Oriente, pelo Leste. O 2º Exército do Extremo-Oriente também tinha de libertar o Sul de Sakhalin e as ilhas Curilas. Aí encontravam-se as cinco divisões japonesas, que estavam previstas para a operação contra Sakhalin e Kamtchatka.<sup>39</sup>

A frota do Pacífico tinha de desembarcar na Coreia nos primeiros dias de guerra. Tinha de defender toda a costa e dificultar as comunicações adversárias. «*Os portos mais próximos para o reabastecimento do Exército Kwantung eram Yuki,*

---

<sup>36</sup> Merezkov, *ibidem*, p. 354.

<sup>37</sup> As Relações Internacionais..., *ibidem*, p. 493.

<sup>38</sup> Merezkov, *ibidem*, p. 363.

<sup>39</sup> N. G. Kusnezov, *Auf Siegeskurs*, Moscovo, 1975/Berlim, 1979, p. 220.

*Rashin (Nadzin) e Seishin (Chongdzin). A frota estava preparada para abordar estes portos.»<sup>40</sup>*

No Extremo-Oriente também havia razões políticas para derrotar rapidamente o exército de Kwantung. Meretskov escreveu retrospectivamente: «*Se as nossas tropas aqui tivessem começado a pressionar o exército Kwantung por vários lados, como supunha Tóquio, este teria retirado gradualmente na direcção da Coreia ou da China e teria assim prolongado a defesa. Mas os nossos aliados ocidentais teriam gostado que as tropas anglo-americanas se apresentassem como as únicas libertadoras das regiões asiáticas ocupadas pelas tropas japonesas. Uma derrota rápida do exército Kwantung riscou ambos os planos.*

*Para além disso, uma rápida vitória sobre o exército Kwantung poupava a vida de centenas de milhares, ao encurtar a duração da guerra. Portanto, uma “estratégia de expulsão” não servia para nada.»<sup>41</sup>*

Em Julho de 1945, o governo japonês dirigiu-se ao governo soviético com o pedido de que assumisse o papel de mediador nas negociações com os aliados ocidentais.

A 8 de Agosto, Mólotov entregou ao embaixador japonês Sato, em nome do governo soviético, uma declaração endereçada ao governo japonês, na qual se afirmava: «*Depois da derrota da Alemanha nazi, apenas resta o Japão, enquanto grande potência, a pretender a continuação da guerra.*

*«A exigência de capitulação incondicional, apresentada de 26 de Julho do corrente pelas três potências, EUA, Grã-Bretanha e China, foi recusada pelo Japão. Assim, não tem qualquer fundamento a proposta que o governo japonês faz ao governo soviético para que assuma o papel de mediador.»* O governo soviético aderiu a esta declaração de 26 de Julho. «*O governo soviético é da opinião (...) de que esta sua política é o único meio de acelerar a paz, de libertar os povos de mais sacrifícios e sofrimento e dar ao povo japonês a possibilidade de evitar os perigos e destruição que a Alemanha sofreu depois de ter recusado a capitulação incondicional.»* Na declaração afirmava-se ainda que a União Soviética «*se considera em estado de guerra com o Japão desde 9 de Agosto.»<sup>42</sup>*

Segundo os autores japoneses da *História da Guerra no Oceano Pacífico*, a notícia da declaração de guerra da URSS constituiu um «*golpe atordoante para os dirigentes do governo japonês (...) Nem sequer a utilização da bomba atómica levou a alterações da política de Estado, determinada pelo Alto Conselho para a condução da guerra (...) Mas a entrada da União Soviética na guerra destruiu todas as esperanças de a poder continuar. Só neste momento o imperador, o guarda do selo secreto Kido, o primeiro-ministro Suzuki, o MNE Togo, o ministro da marinha Yonai e outros membros dirigentes do governo tomaram a decisão de acabar com a guerra.»*

Não obstante, o imperador ordenou ao comandante do exército Kwantung, general Yamada, a defesa dos territórios ocupados pelas tropas japonesas e a preparação de operações militares «*em grande escala.»<sup>43</sup>*

---

<sup>40</sup> Idem, ibidem, p. 228. Chtemenko deu informações detalhadas sobre a formulação do planeamento, Vol. I, p. 306-316.

<sup>41</sup> Meretskov, ibidem, p. 366.

<sup>42</sup> As Relações Internacionais..., ibidem, p. 491.

<sup>43</sup> Citado de acordo com Plotnikov, ibidem, p. 465.

A 10 de Agosto, a República Popular da Mongólia declarou a guerra ao Japão. Sob o comando do general Tchoibolsan e do tenente-general Zedenbal, o exército revolucionário popular mongol, com 80 mil homens, tomou parte nos combates ao lado do Exército Vermelho.

A ofensiva soviética iniciou-se a 9 de Agosto e a 14 de Agosto deu-se a capitulação incondicional do exército Kwantung. A capitulação foi assinada a 2 de Setembro.

No desenrolar desta guerra, as tropas soviéticas libertaram da ocupação japonesa o Nordeste da China e a Coreia até ao paralelo 38°. O rápido desenrolar da guerra não significa que os japoneses tenham oferecido pouca resistência. Pelo contrário, os japoneses defenderam obstinadamente cada fortificação do seu sistema de defesa e cada colina, e tiveram lugar ocorrências inesperadas. Meretskov escreveu: «*Na região fortificada de Dongning, perante a impossibilidade de continuar a resistir ao nosso 25.º exército, os oficiais japoneses ordenaram aos seus soldados que depusessem as armas. Porém estes recusaram-se a obedecer e fuzilaram os seus oficiais. Em algumas guarnições foram utilizados padres e professores das escolas locais para convencer os soldados da falta de sentido em continuar a resistência. Mas os soldados educados ao longo dos anos no espírito dos samurais não davam ouvidos e continuavam a combater.*»<sup>44</sup>

Os japoneses recorriam a comandos suicidas. Entravam furtivamente nos campos de painço, com bolsas penduradas cheias de explosivos e com granadas de mão e atiravam-se contra os tanques soviéticos. Inicialmente estas «*minas vivas*» revelaram-se perigosas, mas depois os soldados soviéticos adequaram a sua tática e aprenderam a combatê-las.<sup>45</sup>

A capitulação de 14 de Agosto não significou logo o fim dos combates. O imperador japonês tinha realmente ordenado o fim dos combates, contudo nem o exército Kwantung, nem outras forças militares receberam as respectivas ordens. Na ordem do imperador não havia uma única palavra indicando que as tropas deviam ser feitas prisioneiras. Segundo a tradição samurai era proibido entregar-se como prisioneiro.

Por isso algumas unidades continuaram a resistência. Em algumas secções das frentes até se realizaram contra-ataques. Em Sakhalin combateu-se até 26 de Agosto, nas ilhas Curilas até 31 de Agosto.<sup>46</sup>

O lançamento da bomba atómica em Hiroxima e Nagasaki, a 6 e 9 de Agosto, segundo Meretskov, não se reflectiu praticamente na forma de pensar e no comportamento dos soldados soviéticos. «*Primeiro, não existia nenhuma ligação entre os nossos planos para derrotar o exército Kwantung e o acontecimento trágico em Hiroxima e Nagasaki. Segundo, não era conhecido com rigor, mesmo no lado americano, as consequências reais da detonação; os japoneses tiveram todos os cuidados em ocultar a informação.*»<sup>47</sup>

Para os norte-americanos não havia nenhuma razão estratégico-militar para utilizar armas atómicas, ainda por cima contra a população civil. Sete dos cientistas que construíram a bomba foram contra a sua utilização. O presidente Truman, porém, seguiu o conselho do ministro da Defesa, Stimson, e dos seus conselheiros militares,

---

<sup>44</sup> Meretskov, *ibidem*, p. 374.

<sup>45</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 375 e seg.

<sup>46</sup> Chtemenko, vol. I, *ibidem*, p. 327 e seg. e p. 333.

<sup>47</sup> Meretskov, *ibidem*, p. 383.

segundo o qual a utilização da bomba aceleraria o fim da guerra e pouparia baixas às forças armadas americanas.<sup>48</sup>

Esta justificação é ainda hoje defendida em publicações americanas. Perante a entrada iminente da União Soviética na guerra contra o Japão, que era do conhecimento do comando americano e do presidente, não há nenhuma justificação para este crime.

Para Stáline, para os membros do *Politburo*, para o Estado-Maior soviético e também para todas as forças democráticas no mundo inteiro era claro contra quem se dirigia a injustificável e criminosa utilização da bomba atómica. As reacções públicas disso deram conta. Era a reivindicação do capital financeiro americano ao domínio mundial indiviso. Churchill afirmou-o de forma clara e inequívoca no seu famoso discurso de Fulton (6 de Março de 1946): «*Seria loucura criminosa, se se tivesse revelado este conhecimento secreto [sobre a produção da bomba atómica, UH] neste ainda tempestuoso e ainda não preparado mundo. Nem uma única pessoa em nenhum país dormiu pior pelo facto de o segredo da bomba atómica ter ficado nas mãos dos norte-americanos. Não acredito que tivéssemos dormido tão bem se fosse ao contrário, se um qualquer estado comunista ou neofascista tivesse monopolizado este segredo.*»<sup>49</sup>

Ao mesmo tempo, no seu anticomunismo cego de raiva, esta era também uma afirmação ingénua que Churchill fazia publicamente. Acreditava realmente que o «*segredo*» da bomba atómica ficaria só nos EUA? Entre os políticos e militares ocidentais era comum a opinião de que a União Soviética necessitaria de décadas para recuperar das horrorosas consequências da guerra. Montgomery estimava que a URSS iria necessitar de 15 a 20 anos.<sup>50</sup> Nos laboratórios de investigação soviéticos, já havia cientistas a quebrar o monopólio dos EUA da bomba atómica. Todavia, este armamento atómico, imposto à URSS, foi feito à custa da produção de mercadorias urgentemente necessárias na vida diária. Os imperialistas norte-americanos e britânicos não permitiram nenhuma pausa respiratória à União Soviética.

À pergunta do correspondente em Moscovo do *Sunday Times*, Alexander Werth, em 17 de Setembro de 1946, se a bomba atómica representava uma das principais ameaças à paz, Stáline respondeu. «*Não acredito que a bomba atómica seja uma força tão séria, como certos políticos se inclinam a apresentá-la. As bombas atómicas são destinadas a intimidar pessoas com nervos fracos, mas não podem decidir o destino de uma guerra, já que não bastam, de forma nenhuma, para essa finalidade. Certamente que possuir o monopólio do segredo da bomba atómica representa uma ameaça, mas há pelo menos dois meios contra isso: a) a posse monopolista da bomba atómica não pode durar muito; b) a utilização da bomba atómica será proibida.*»<sup>51</sup>

A miopia dos estrategas norte-americanos e britânicos no que diz respeito à bomba atómica revelou-se muito depressa. A 25 de Setembro de 1949, a agência TASS divulgou o sucesso do ensaio da bomba atómica da URSS. Com isso terminava o monopólio norte-americano da bomba atómica. Ao lado da Grã-Bretanha e da França, que se tornaram potências atómicas, também a República Popular da China

---

<sup>48</sup> *A Pocket History...*, ibidem, p. 466.

<sup>49</sup> *Handbuch der Verträge (Manual dos Tratados)*, ibidem, p. 669 e seg.

<sup>50</sup> Montgomery, *Memoiren*, Munique, s/d, p. 512.

<sup>51</sup> SW 15/88.

entrou no clube das potências atômicas com a detonação da sua primeira bomba atômica a 16 de Outubro de 1964.

Apesar de todos os «*acordos para a não proliferação*» não foi possível impedir que outros estados conseguissem armas atômicas, um processo que também continuará no futuro, procurando-se constantemente melhoramentos técnicos com o objectivo de matar o maior número de pessoas de uma vez só. Com efeito, a proibição da sua utilização, admitida por Stáline, não exclui o seu emprego futuro. A utilização de armas proibidas pelo direito internacional pelos militares norte-americanos devia alertar para as ilusões sobre a utilização de armas de destruição maciça em guerras futuras.

No seu discurso ao povo, em 2 de Setembro de 1945, Stáline honrou a vitória do exército do Extremo-Oriente sobre o agressor japonês. Stáline falou de uma «*agressão mundial*» no Oeste, por parte da Alemanha e no Leste, por parte do Japão. Quatro meses depois da capitulação da Alemanha fascista, o Japão «*principal aliado da Alemanha*» foi também obrigado a capitular. «*Isso significa que chegou o fim da II Guerra Mundial*». Tinham sido «*conseguidas as condições necessárias*» para a «*paz em todo o mundo*».

Stáline fez um curto balanço das agressões japonesas de 1904, ainda contra a Rússia tsarista, de 1938 no lago Khassan e de 1939 contra a República Popular da Mongólia.

*«A derrota das tropas russas em 1904, na guerra russo-nipónica, tinha deixado memórias dolorosas na consciência do povo. Esta derrota abateu-se sobre o nosso país como uma mancha negra. O nosso povo acreditava e esperava a chegada do dia da derrota do Japão e da eliminação dessa mancha. Nós, da geração mais velha, esperamos 40 anos por este dia. E agora ele chegou. Hoje o Japão deu-se por vencido e assinou a capitulação incondicional.*

*Isto significa que Sakhalin-Sul e as ilhas Curilas pertencem à União Soviética e a partir de agora não servirão para separar a União Soviética do oceano e para base de apoio de um ataque japonês ao nosso Extremo-Oriente, mas sim como meio de ligação directa da União Soviética ao oceano e de base de defesa do nosso país contra a agressão japonesa.*

*O nosso povo soviético não poupou nem forças nem esforços na guerra. Vivemos anos duros. Mas agora cada um de nós pode dizer: vencemos. A partir de agora podemos considerar a nossa pátria livre da ameaça de uma invasão alemã a Oeste e de uma invasão japonesa a Leste. A paz longamente desejada para os povos de todo o mundo chegou.»<sup>52</sup>*

\*\*\*

A «*paz longamente desejada*» era o desejo e o objectivo da política de Stáline. Apenas seis meses após a capitulação do Japão, ouviu-se, no discurso de Churchill em Fulton, uma clara declaração de guerra à União Soviética, a reivindicação do direito à hegemonia mundial dos povos «*falantes da língua inglesa*». Quatro anos depois da abertura oficial da «*Guerra Fria*», seguiu-se a guerra quente do imperialismo norte-americano contra a República Popular Democrática da Coreia, que durou três

---

<sup>52</sup> SW 15733 e seg.

anos. Stáline já não assistiu ao fim da guerra da Coreia com o armistício de Pammundsom. Ele morreu a 5 de Março de 1953.

A «*paz longamente desejada*» foi e é um sonho, enquanto existir um sistema imperialista. Aqui inicia-se um novo capítulo da história mundial que já não é objecto deste trabalho. As contribuições teóricas militares e políticas de Stáline podem ser proveitosas para as estratégias revolucionárias de paz no nosso tempo: «*impor a paz*»... onde as classes dominantes «*gritam guerra*». <sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Karl Marx, *Adresse an die Nationale Arbeiterunion der USA*, Londres, 12 Maio de 1869, in MEW 16/375. (*Mensagem à União Operária Nacional dos Estados Unidos*, 12 de Maio de 1869, Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Editorial «Avante!», «*e capazes de impor a paz ali onde os seus pretensos amos gritam guerra.*») [NT]